

## OS SENTIDOS DA PALAVRA IDEOLOGIA NA MÚSICA DE CAZUZA

Jamilly Silva Morais<sup>1</sup>

Adilson Ventura da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a palavra *ideologia* presente na música *Ideologia* do cantor e compositor brasileiro Cazuza. Para esta análise, iremos nos situar na linha teórica da Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães. O nosso objetivo é, nessa música, observar as reescrituras e articulações da palavra *ideologia* e, desse modo, poder estabelecer o DSD (Domínio Semântico de Determinação) dessa palavra nesse texto específico. Também levaremos em conta, para atingir esse objetivo, a Temporalidade e a Cena Enunciativa. A partir dessas análises, poderemos dizer qual o sentido que essa palavra assume especificamente dentro desse texto.

**Palavras-chave:** Ideologia. Semântica. Sentido. Acontecimento.

**Abstract:** *THE MEANINGS OF THE WORD IDEOLOGY IN CAZUZA'S MUSIC. The meaning of the word in music Ideology Cazuza. This article aims to analyze the word ideology in this music Ideology of Brazilian singer and composer Cazuza. For this analysis, we place ourselves in the theoretical framework of Semântica do Acontecimento proposed by Eduardo Guimarães. Our goal is, in this song, rewriting and observe the joints of the word ideology and thereby to establish the DSD (Domain Semantic Determination) of this word in this particular text. We will also take into account, to achieve this goal, Temporality and Scene Enunciative. From these analyzes, we can say what meaning this word specifically assumes within this text.*

**Palavras-chave:** Ideology. Semantics. Sense. Event.

Em nossa sociedade circulam vários tipos de textos e, neles, algumas palavras podem assumir sentidos diversos em cada texto específico. Com isso, analisar palavras em textos específicos ganha um interesse muito grande, na medida em que, no imaginário popular, basta uma consulta ao dicionário para saber o que determinada palavra significa. Desse modo, nos posicionamos em uma teoria na qual o sentido de uma palavra é remetido ao próprio texto, porém levando em conta o memorável que ela possui, ou seja, o sentido é remetido à história. Assim, iremos, neste trabalho, analisar os sentidos da palavra “ideologia” na música do cantor e compositor brasileiro Cazuza. E a teoria que iremos utilizar é a Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães. A seguir faremos uma breve exposição sobre alguns conceitos desta teoria que iremos utilizar em nossa análise.

A Semântica do Acontecimento coloca que os estudos do sentido devem ser feito na enunciação, no lugar de dizer. Sendo assim, a enunciação é vista como

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Email: milly\_-h-ta@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela UNICAMP; professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Email: adilson.ventura@gmail.com

acontecimento de linguagem, na qual há dois elementos decisivos para a conceituação deste acontecimento, sendo eles: a língua e o sujeito que, por sua vez, se constituem pelo funcionamento da língua na qual se enuncia algo. No entanto, existe um terceiro elemento decisivo, segundo Eduardo Guimarães, na constituição do acontecimento, que é a sua temporalidade. Além disso, há o quarto elemento que é o real a que o dizer se expõe ao falar dele.

Considera-se que algo é acontecimento

enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que acontecimento não é um fato no tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes no tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa a sua diferença (GUIMARÃES, 2002, p.11-12).

Segundo Guimarães, atemporalidade se configura por um presente que abre em si uma determinada latência de futuro, isto é, uma futuridade, sem a qual não há acontecimento de linguagem, e nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável. Portanto, o acontecimento tem como seu um depois incontornável, o mesmo e próprio do dizer. Logo, todo acontecimento de linguagem significa, porque projeta em si mesmo um futuro. Vale ressaltar que essa “latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável” (GUIMARÃES, 2002, p.12).

Diante disso, a temporalidade do acontecimento “constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores” (GUIMARÃES, 2002, p.12). Esse passado denominado como “memorável”, isso é, uma rememoração de sentidos recortada no e pelo acontecimento enunciativo. Logo, o passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, isto é, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro, portanto, o memorável é “recortada na relação com o presente do acontecimento, projetando um futuro na forma de interpretação” (MACHADO, 2011, p. 480).

É importante salientar que o acontecimento de linguagem não se dá no tempo, nem no tempo do locutor, por ser um acontecimento que temporaliza. Temporalidade essa em que,

o passado não é um antes, mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento que tem também o futuro como uma latência de futuro. O

sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nesta memória, portanto não é estar no tempo (dimensão empírica) (GUIMARÃES, 2002, p.14).

Tendo em vista esses aspectos, observamos que existe um vínculo entre a enunciação e o acontecimento, pois o acontecimento enunciativo que organiza a temporalidade, configurando outra rede de sentidos a partir do memorável.

De certo modo,

podemos dizer que no acontecimento se refaz insistentemente uma língua, pensada não como estrutura, um sistema fechado, mas como um sistema de regularidades determinado historicamente e que é exposto ao real e aos falantes nos espaços de enunciação (GUIMARÃES, 2007, p. 96).

Nessa perspectiva, Guimarães define enunciação como

[...] um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. É, portanto, quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento (GUIMARÃES, 1995, p. 70).

Assim, a enunciação, enquanto acontecimento, nos permite observar a “multiplicidade dos sentidos através da temporalidade que é própria ao acontecimento e também o litígio dos sentidos, por ser ele um acontecimento político” (MACHADO, 2011, p.47).

A reescrituração é um procedimento de retomada pelo qual se dá a textualidade, tecendo assim os sentidos e produzindo então polissemia. Assim, reescrituração, segundo Guimarães,

[...] são procedimentos pelos quais a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito. Assim, a textualidade e o sentido das expressões se constituem pelo texto por esta reescrituração infinita da linguagem que se dá como finita pelo acontecimento (e sua temporalidade) em que se enuncia (2002, p. 28).

Em outras palavras, as reescrituras são responsáveis pela textualidade, pois retomam algo que já foi dito no texto, por meio da repetição da palavra, ou até mesmo por outra palavra ou expressão. Vale ressaltar que elas “não dependem somente do funcionamento sintático, mas também das relações de sentido historicamente constituídas” (MACHADO, 2011, p. 115).

A articulação “diz respeito às relações próprias das contiguidades locais. De como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem” (Guimarães, 2007, p. 88). Este procedimento ajuda a constituir a textualidade juntamente com a reescritura, na qual coloca em relação duas palavras ou expressões que não se reescrevem, mas que têm elementos de sentido que se relacionam no acontecimento.

Uma cena enunciativa se caracteriza “por constituir modos específicos de acesso à palavra, dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2002, p.23). A cena enunciativa pode ser considerada como uma especificação local no Espaço de Enunciação, onde teremos a representação das figuras da enunciação, pois é nesse momento que há distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento.

#### Logo, Cena Enunciativa

é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala” (GUIMARÃES, 2002, p. 23).

Em outras palavras, essa distribuição de lugares se faz pela temporalização própria do acontecimento. Nesse sentido, a temporalidade específica do acontecimento é fundamento da cena enunciativa. Diante disso, o que ocorre é que na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas, mas sim uma configuração do agenciamento enunciativo, ou seja, são lugares que, por sua vez, são constituídos pelos dizeres e não propriamente por pessoas donas de seu dizer. Logo, estudá-las é necessariamente considerar o próprio modo de constituição desses lugares pelo funcionamento da língua.

Na cena enunciativa, temos o Locutor, a quem Machado (2011) afirma que para falar do lugar de locutor mesmo, é necessário se colocar no lugar que enuncia. Além disso, temos o locutor – x, em que o locutor sempre vem predicado por um lugar social que a variável x representa. Contudo, Machado ainda expõe outro aspecto em relação ao Locutor. Segundo ela,

o Locutor ao dizer, desconhece que fala de um lugar social. Ao dizer eu, muitas vezes, desconhece que fala em uma cena enunciativa. Neste caso, ele fala de um lugar de dizer sem ter ideia de que está determinado por um lugar social. E aí temos a figura do enunciador que se representa na enunciação como se estivesse fora da história, na origem do dizer, ignorando que fala de

um lugar social, de que há uma memória de sentidos que o agencia (MACHADO, 2011, p. 69).

Sendo assim, temos a figura do enunciador, que pode se apresentar como enunciador individual, que se representa como sendo um lugar que está em uma posição acima de todas as outras. Além desse, há o enunciador genérico que, ao enunciar, diz algo que todos já haviam dito. Há também o enunciador universal que é aquele que diz a verdade dos fatos. E, por fim, temos o enunciador coletivo, que segundo Guimarães (2002, p. 38) trata-se de um “lugar de dizer que se caracteriza por ser a voz de todos como uma única voz”.

A partir do exposto acima, podemos constituir o Domínio Semântico de Determinação (DSD) de uma palavra em um texto. O DSD é uma representação da designação da palavra no texto em que ela se encontra, constituindo-se como um gesto de interpretação a partir das análises das reescrituras e articulações, isto é, esse domínio nos mostra não os sentidos estabilizados, mas os sentidos que circulam no funcionamento textual. Para representar o DSD, utilizamos os seguintes sinais:  $\top$ ,  $\perp$ ,  $\dashv$ ,  $\vdash$ , que significam “determina” em qualquer uma das direções, pois é um traço que significa uma relação de sinonímia, enquanto o traço contínuo na horizontal que divide o DSD indica os sentidos que se opõem a ele.

### **Análise da palavra “ideologia”**

Apresentação do objeto a ser analisado – Música de Cazuza – Ideologia:

Meu partido	Meus heróis
É um coração partido	Morreram de overdose
E as ilusões	Meus inimigos
Estão todas perdidas	Estão no poder
Os meus sonhos	Ideologia!
Foram todos vendidos	
Tão barato que eu nem acredito	
Ah! Eu nem acredito	Eu quero uma pra viver
	Ideologia!
Que aquele garoto	Eu quero uma pra viver
Que ia mudar o mundo	
Mudar o mundo	O meu prazer
Frequenta agora	Agora é risco de vida
As festas do "Grand Monde"	Meu sex anddrugs
	Não tem nenhum rock 'n' roll
	Eu vou pagar

A conta do analista  
Pra nunca mais  
Ter que saber  
Quem eu sou  
Ah! Saber quem eu sou

Pois aquele garoto  
Que ia mudar o mundo  
Mudar o mundo  
Agora assiste a tudo  
Em cima do muro  
Em cima do muro!

A palavra “ideologia”, além de já aparecer no título da música, é reescriturada várias vezes no decorrer do texto. Temos assim, na primeira estrofe, uma reescritura por expansão, em que há uma retomada e ao mesmo tempo uma ampliação daquilo que está dito no título da música. Logo, a primeira estrofe é uma reescritura por expansão do título. Além disso, nessa reescritura há um jogo ao contrário. Quando se diz um jogo ao contrário é em referência às expressões opostas utilizadas nessa estrofe, como “meu partido” que está articulada “ao coração partido”, além de “e as ilusões” remetendo-se a “estão todas perdidas”, portanto, a todo o momento ele cria uma oposição para o mesmo termo, ou seja, ele apresenta duas possibilidades de sentido para o termo “ideologia”. Dessa forma, os opostos funcionam numa relação de articulação.

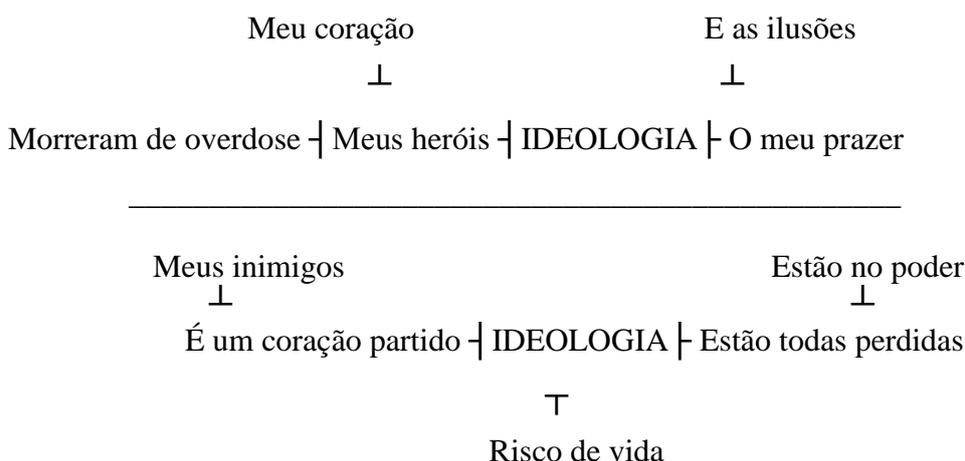
No título da música “Ideologia”, há um memorável, isto é, um recorte que permitiu relacionar o sentido da palavra “ideologia” com as questões políticas. Além disso, esse sentido é recortado no e pelo acontecimento enunciativo. Esse acontecimento é uma nova temporalização, “um novo espaço de confiabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação”, segundo Guimarães (2002, p.12).

Há também, nas demais estrofes, um jogo em que ocorre um conflito nas ideias veiculadas pelas expressões utilizadas, como “meus heróis” que está articulada aos que “morreram de overdose”, além de “meus inimigos” que se articula aos que “estão no poder”. Além disso, a expressão “o meu prazer” está articulada ao “seu risco de vida”. Assim, a expressão “eu vou pagar” articula-se a “a conta do analista”. Temos também que “pra nunca mais” está articulada a “ter que saber quem eu sou”.

Levando em conta a cena enunciativa, temos o Locutor e também temos o Locutor que ocupa um lugar social de poeta, ou seja, temos um locutor-poeta. Essa posição faz com que ele coloque o seu ponto de vista no texto. Também temos, nessa

cena enunciativa, a presença de um enunciador individual, na medida em que ele se apresenta no texto como uma opinião do próprio do Locutor e, dessa forma, ele “representa a linguagem como independente da história” (GUIMARÃES, 2002, p. 25). Assim, o enunciador individual apaga para o Locutor que o que ele diz é por conta da posição social que ocupa, ou seja, o que é dito é por ser um locutor-poeta que o diz, mas, para o Locutor, pela presença do enunciador individual, o que se diz é um ponto de vista específico do próprio Locutor.

Desse modo, a partir das análises das reescrituras e das articulações, observamos que há uma oposição quanto ao sentido da palavra “ideologia”, pois ela possui mais de um. Assim, representaremos a palavra “ideologia”, através da DSD.



Assim, as expressões “o meu prazer”, “meus heróis”, “e as ilusões” determinam *ideologia*, enquanto que “morreram de overdose” determina “meus heróis” que determina a primeira ideologia. Essas determinações apresentam um sentido para “ideologia” em que esta aparece como sendo algo muito bom, que vale a pena ter. Porém, temos uma determinação específica que mostramos mais acima que traz uma tensão nesse sentido que é “morreram de overdose”. Esta determinação traz um sentido em que esses heróis apresentados morreram, ou seja, há um ponto negativo na “ideologia”.

E, por contraposição, temos “meus inimigos”, “estão no poder”, “é um coração partido”, “estão todas perdidas” e “risco de vida” determinando “ideologia”. Podemos

dizer que, a partir dessas determinações, “ideologia” aparece com um segundo sentido, em uma relação de oposição a “ideologia”, mostrando assim dois sentidos para “ideologia” e, em cada sentido, relações de determinação específicas. Desse modo, esse DSD possibilitou mostrar que os sentidos da palavra nesse texto não são unívocos, ou seja, não estão estabilizados, mas funcionam de determinados modos em textos específicos.

Levando em conta esta análise, temos ainda mais uma relação de articulação que nos interessa, na medida em que traz um memorável específico. Ao ser articulada com “que quero uma para viver”, a “ideologia” traz um memorável de algo que direciona a vida, isto é, um corpo de ideias fechados que se segue para poder ser feliz. Porém, conforme apresentamos no DSD, há uma dúvida, pois ao se querer uma “ideologia”, temos uma tensão entre ela ser boa ou ruim, se esta orientação pode ou não ser benéfica para alguém ser feliz na vida.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos a palavra “ideologia” presente na música de Cazuza, por meio da reescritura e da articulação, observando também a cena enunciativa e a questão do memorável que a temporalidade traz. Temos como uma conclusão que essa palavra, nesse texto, traz vários sentidos que se colocam em uma relação que podemos dizer ser de oposição, isto é, entre dois sentidos para a palavra “ideologia”. Nessa tensão entre os sentidos, apesar do apelo do Locutor em se ter uma “ideologia para se viver”, o texto deixa essa questão em aberto, na medida em que os sentidos apresentados por essa palavra são, de um lado, positivos e, do outro, negativos.

### **Referências Bibliográficas**

- GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, E. *História da Semântica – Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*. Campinas, Pontes. 2004.

GUIMARÃES, E. Domínio Semântico de Determinação. In: MOLICA, M. C.; GUIMARÃES, E. (Org.). *A Palavra: Forma e Sentido*. Campinas, RG/Pontes. 2007.

GUIMARÃES, E. *Análise de Texto*. Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas: RG. 2011.

GUIMARÃES, E. A Enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. In: GUIMARÃES, E. R. J.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (Org.). *Cadernos de estudos Linguísticos*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Estudos da Linguagem, n. 51(1), Jan./Jun. 2009.

MACHADO, C. P. P. *Política e sentidos da palavra preconceito: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX*. Tese de Doutorado. Campinas, SP. 2011.

SILVA, A. V. *A Poesia em Ducrot*. Dissertação de mestrado. Unicamp. Campinas, SP, 2006.

SILVA, A. V. *O Sentido da Palavra Poesia nas Ciências da Linguagem*. Tese de Doutorado. Unicamp. Campinas, SP. 2012.

*Recebido: 30 de agosto de 2014*  
*Aprovado: 15 de setembro de 2014*